



O Galato

Avanço

Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI - N.º 136
Preço 1800

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
14 de Maio de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

EU VOU Ó BRASIL

VOU sim senhor. Vou eu mai-lo documentário da nossa Casa de Paço de Sousa, um filme de 900 metros, realização de Adolfo Coelho, mandado do S. N. I.. Coisa boa e fiel, tais aqui quais na fita. Eu também lá estou e prêgo um sermão de cinco minutos. Prêgar Cristo. Cristo é o assunto que mais inquieta.

Tenho carta de chamada; é a Casa do Porto do Rio de Janeiro. E' o Porto quem me chama! Eu não posso dizer mal de Lisboa, nem de Coimbra, nem das mais cidades de Portugal. Não posso. Mas o Porto é Porto. Nas cinco partes do mundo, ele é Ele. Quem no diz? A carta de chamada; o entusiasmo da carta de chamada. E' A Casa do Porto do Rio de Janeiro. Podiam ter dado outro nome ao Organismo, mas não; quizeram-lhe chamar casa. O Porto gosta de estar em casa quando chama por alguém.

Só tenho um título para ir; é o de recoveiro dos Pobres. Só há um preço da viagem; é o sacrifício que faço em realizá-la.

Aqui está a íntima estrutura do meu passaporte.

Outros homens; outras embaixadas; outros fins: por muitos títulos e em todos os tempos, tem ido gente de Portugal levar recados ao Brasil. Nunca ninguém como eu: Farrapeiro. Um Farrapeiro.



Aqui é Paço de Sousa; é a Casa do Galato do Porto. E' o «Joaquim Pequenito» a dar de comer. Pena é que morram à míngua tantos destes! Eles, que gostam de dar, morrem por não ter! Nem se diga que as reservas do mundo não chegam. E' falso. Seria duvidar das contas que Deus faz, se acreditássemos. Somos nós. São as contas dos homens. Eles não sabem repartir.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado 143 contos

Abrimos hoje com esta carta:

Falei, com o coração nas mãos, ao coração dos Rapazes do Lar. Disse-lhes da heróica coluna dos «cinco mil», a favor da «nossa tipografia». Que as lições de técnica profissional eram dadas pelos especialistas das respectivas artes; as questões e conflitos de direito eram resolvidas pelos juristas e advogados; as doenças eram tratadas pelos médicos. Só as lições de moral, de vida interior, não eram privilégio de especialistas; estavam ao alcance de toda a gente de bom coração. O mais humilde dos seres podia dar uma lição de moral ao mais orgulhoso dos seus semelhantes. E disse da sublime abnegação das criadas de servir, que enfileiravam na coluna com 20\$00 mensais, até perfaçarem a quantia de 100\$00.—No fim, propus uma subscrição entre todos os Rapazes. Cada um dava o que pudesse. Houve lágrimas e um «sim senhor» unânime ecoou pela sala.—Segue, em vale registado, a importância apurada—207\$50. E na coluna passa a ir um rapaz com 24 anos que ainda ganha 5\$00 diários!

Não podemos esquecer os seus trabalhos e as suas agruras. A importância, em si, é assás diminuta. Mas acima do valor material, preocupou-nos a intenção de lhe levarmos o consolo espiritual da nossa humilde lembrança. Que o nosso Bom Deus o ampare sempre.

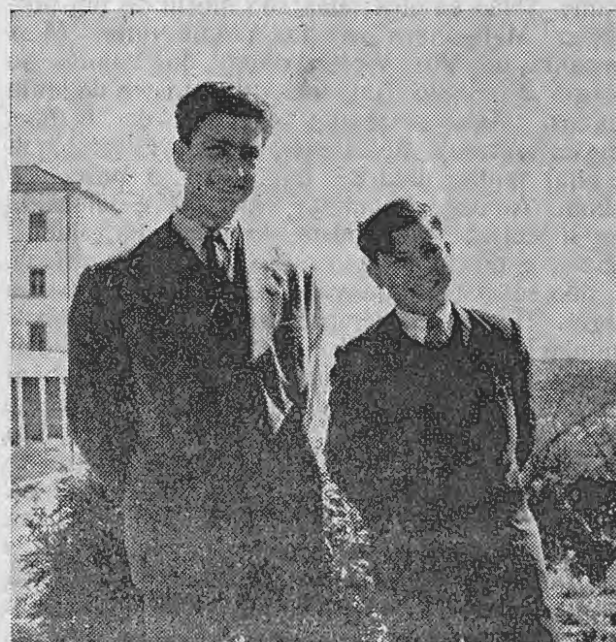
Saudades dos Rapazes do Lar e um abraço do servo e pupilo.

HERLANDER DE FREITAS.

Toda a obra social, que se apresente e gire nos fundamentos da Família cristã, tem necessariamente de produzir estes frutos. Que o mundo se não admire. Que aceite a simplicidade das coisas e que regresse às bases da Família cristã. Contudo, compete-me agradecer. Ao pupilo que levantou a voz no meio de trinta deles; e aos que o escutaram, a todos desejo precisamente e simplesmente o que eles me desejam a mim: Que o nosso bom Deus os ampare sempre. E de Alcains. E' um sacerdote do seminário de Alcains. E do Porto. E de Gaia um a valer por dois. E um de Aveiro que manda a última prestação. Quem pode dizer do heroísmo que vai na nossa coluna?! E uma escola feminina de S. Cosme. E outra escola feminina da mesma terra. E a professora também. Ainda bem que ela vai para tomar conta. E uma de Gaia. E da Fonte da Moura; são dois. E um pai de seis filhos de Gondomar. E a conferência Feminina de S. Vicente de Paulo, de S. Nicolau, que trabalha no Barredo, também quer ir na procissão. Outra vez Nêtinho e Feliz Avô: Tenho visto que o batalhão vai engrossando muito lentamente o que nos leva a voltar às fileiras. O Avô é quem escreve, sim, mas quem dita é o Nêtinho. Fôra ele simplesmente Neto, mas não; tem desoito meses, por isso dita também! Cá vai o reforço de mais quinhentos. E já agora, conquanto não pertença aqui, eu digo que vieram mais quinhentos e mais dez quilos de amêndoas. Oh Porto; quem pode falar de ti com propriedade?! E um senhor de Castelo Branco que entregou 500\$00 ao senhor Doutor do sangue. E um visitante que veio cá e deixou mil. E do Porto; duas Licenciadas que valem por uma só; isto dizem elas mas eu cá digo que não,

E do Porto; são meus e de minha mãe. Não há melhor Sociedade. Daqui se depreende quam felizes não são e quam apertado não é este amor de mãe e filha. Mais a quarta prestação; são nignilhas de pobre enviadas do coração. E mais de algures. E mais de Sarnes. Esta chama revolucionária à tipografia. E do Porto. E de Coimbra com meia razão. E do Entroncamento. E de Oliveira de Azemeis a dizer que fica descansado por ter pago uma dívida. E das Caldas, a dizer que esta obra é a única que existe sem senão. Não diga assim, meu senhor, que se engana. Aonde entrar o dedo do homem entra aí também o senão. E Lisboa a dizer que espera voltar brevemente. E mais Lisboa. E outra vez Lisboa. E uma professora primária. E um visitante que deixou um cheque de mil. E Coimbra. E Torres Novas. E Lisboa. E do Porto. E Castendo. E Coimbra. E outra vez Coimbra a valer por cinco. E Resende com metade. E uma prestação de Coimbra. Mais Coimbra. E uma prestação de A'gueda. E de Alijó. E' dum irmão da Santa Casa da Misericórdia a perguntar se também são permitidos irmãos na fileira. Se é para fazer política, não. E de Zibreira. Peço aos senhores o favor de nos mandar um mapa para elucidar; Zibreira? Assina um campônês e disse que não ficava satisfeito se não se alistasse e pergunta se ficará mal os calos das

(Continua na 2.ª página)



Damos a figura dos nossos dois Ramaldenses. São de Ramalde e andavam por lá naquele tempo. O que não viram e ouviram! Que herança não trouxeram eles para cá! Estão-se despojando pouco a pouco. Primeiramente pelo trabalho aqui em Paço de Sousa; eles foram da rouparia, foram do refeitório, andaram no campo. Zelaram os quartos dos senhores, tocaram todas as teclas da nossa organização. Foram-se despojando. Hoje são estudantes de Coimbra, aonde frequentam o liceu. O mais baixo, Carlos Inácio, foi sempre do Boavista e nutre grande paixão pelos irmãos Caiados. O mais alto, Zé Eduardo, trazia a paixão do Pinga quando para cá veio. Por tudo e por nada aí vinha o Pinga. Mas afrouxou. Hoje não se lhe dá. Zé Eduardo anda metido em grandes trabalhos; trabalhos que também são meus; é o cigarrito! As boas resoluções são de todos os dias e até já lhe tenho visto lágrimas nos olhos. Mas há sempre na carteira do colégio onde ele estuda, ali muito à beirinha dele, um companheiro que fuma... E ele, o Zé Eduardo, aos 7 anos já fumava!

Do que nós necessitamos



Os senhores sabem o que é um *De Soto*? Um dos grandes? E sabem de uma grande mala que estes carros trazem consigo, aonde se pode meter um mundo de coisas? Sabem? Pois foi esse mundo de coisas que nós retiramos da mala de um *De Soto* na passada quinta-feira Santa. O carro veio aqui. É um dos do *Depósito*. Era a nossa Páscoa. A Páscoa que os leitores quizeram ali deixar. Impossível descrever a quantidade e a diversidade; muito mais o barulho que aqui se fez enquanto se não soube na aldeia o que trazia cada pacote. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Mais roupas de uma mãe cristã. Mais vinte escudos de Aveiro. Mais dois lençóis de Valdigem, foram lavados e passados a ferro. Toda a roupa que nos dão, por ser tirada aos bragais, traz o selo da caridade cristã. A das lojas não. O dinheiro é inimigo das coisas santas.

Mais cem escudos de Alquerubim para o pobre canceroso. Este faleceu. Mais uma pasta para o Cête, mas ele já tinha, por isso vai para o Padre Adriano, do Topal, que a não tem. Mais cem escudos de S. Gabriel. Mais de Riba d'Ave uma pancadaria de metros de riscado. Já sei que tenho aqui a visita do Padre Manuel de Miranda, mal esta notícia lhe chegue. Ele é um grande misérias. Não tem jeito de pedir por isso ninguém lhe dá nada.

Mais vinte de Aveiro. Mais mil do *Jovem Rico*. Não seja este como o do Evangelho. Deixe-se prender, meu caro amigo, pelo olhar de Jesus, e não consinta jamais que o seu dinheiro o prenda a si mesmo. Olhe que pode morrer estrangulado. Mais de um sacerdote de Alcains cem escudos para as batatas dos *Batatas*. Mais outra vez de Aveiro outra vez vinte; é miudinha a chuva de Aveiro. Mais quinhentos de Castelo Branco. Mais de Ermezinde cem escudos de um *casal feliz*. Meu marido, faz hoje anos, diz a carta: não encontramos melhor oferta para fazer a Nosso Senhor agradecendo a nossa felicidade de casados, do que ajudar essa obra da Nação. Peço aos senhores leitores que fechem os olhos e meditem. Esta carta pequenina, ditada por um casal feliz é um programa do Evangelho. Lá está Deus. Está a Pátria. Está a Família.

Mais eu que fui a Lisboa e ao sair do avião a hospedeira deu-me duzentos escudos. O Risonho, uma vez perguntado de como lhe ia nos eléctricos, ao vender jornais, ele responde-me: *ali é que eu me governo*. Pois o mesmo digo eu ao falar dos aviões. Mais de algures, roupas e cento e cinquenta escudos. Mais do Brazil uma grande mala de roupas iguais às de Portugal, no cheiro e no carinho. Não admira; elas são oferta de um português. Mais vinte escudos. Mais vinte. Mais cinquenta de Vila Viçosa. Mais dos alunos do Colégio de Santo António, duzentos e setenta escudos. Mais cinquenta escudos de Lisboa. O que muito me desorienta, são duas cartas que eu aqui tenho, uma de Famalicão e outra de Lisboa. Ambas são muito extensas e falam da mesma coisa: um posto Emissor na aldeia! E dizem e dizem e dizem. Eu cá não digo nada. Eu não sei para onde vou, nem até onde posso chegar. Tenha eu sempre forças para me deixar conduzir! É difícil. É muito difícil alguém deixar-se conduzir; Deus quer tudo para Si. Também tenho aqui duas cartas de estudantes de Lisboa. Outros receberão mais, mas que digam tanto como as que cá chegam, tocadas pela leitura de «O Gaiato», ninguém. São declarações de amor. É a alma a falar. A gente esgota-se, cansa-se de as ler e chora. Uma das cartas de estudantes de Lisboa; solta este grito: *Diga-me que nunca é tarde para procurarmos Deus*. A outra solta outro grito: *Diga-me se Deus existe*. Ambos dizem a mesma coisa; um e outro já encontraram o que procuram.

Mais uma subscrição; é dos pequenos funcionários dos C. T. T. de Lisboa. É uma data de nomes a dar do seu pouquinho no montante de 263\$80. Oxalá do dinheirinho dos aumentos de portes, caiba alguma coisinha aos funcionários.

Mais uma consoladela; foi de uma semelhante à do *feixe de lenha*, que me apareceu hoje na aldeia. *Deixe cá ver a garrafa*, disse eu, mas ela não a trazia. Vinha muito embaraçada por qualquer outra coisa que eu lhe pudesse dar, mas azeite não. *Ainda há pouco levei dois quartos*. É muito pequenina a garrafa que ela costuma trazer. Leva pouco. Pede pouco. Precisa de pouco. Pouco, é o advérbio dos verdadeiros pobres. Eram horas de missa. Eu tinha precisamente acabado e ela assistira a uma parte. Foi no fim que nos encontramos e falamos. Dali

fomos ao refeitório tomar café. O pequenino refeitoreiro, tinha ido de meu mando por uma garrafa de azeite, enquanto ficamos à mesa a conversar. Aí vem a garrafa. Era um litro dele. Foi Deus quem tocou no coração do pequenino; nós temos garrafas de muitos tamanhos e eu não marquei quantidades. Foi Deus quem tocou no coração do pequenino. Tinha sido café com leite. Tinha sido um punhado de amendoas e por cupula o azeite. Aqui está a minha consoladela. Nós todos, homens, necessitamos destas extraordinárias consoladelas. Nós não temos fome de mais nada senão delas: esta consoladela inenarrável que a alma experimenta quando se dá alguma coisa a quem honesta e racionalmente nos procura, por uma necessidade verdadeira.

Mais eu que recebi nas minhas, das mãos de alguém, umas tantas moedas, que meti na algibeira, tomando-as por prata. Esqueci-me delas. Mais tarde dei fé; eram de ouro! Mais alguém que sobe a nossa avenida e vem nos dar esta riqueza: Trás uma saca debaixo do braço; *meia raziinha, se pudesse ser*.

Eu cá chamo riqueza a este pedir e a este dar. Digo mais; é desta sorte que nós verdadeiramente enriquecemos. Trata-se de uma mulher do povo com o marido entrévado e ela também doente. Tem cá vindo muitas vezes, e eu acho o dia mais formoso quando lhe posso falar. Fazia sol. A nossa conversa foi larga. *Já há quatro dias que não faço caldo*, dizia-me ela, enquanto dava a saca que devia levar o milho. Quatro dias sem fazer caldo, nesta terra e entre este povo significa quatro dias sem comer; porquanto, caldo e pão é o seu sustento. Pão sabemos que não tinha; ela vinha justamente por ele; *Meia raziinha*. Caldo sabemos que não teve. A nossa conversa prossegue. A expressão desta mulher é um misto de dor e de alegria. Gostava de saber pintar para que visses na tela o que as palavras não podem dizer. *Eu não tenho os arranjos prós fazer*. Nova pausa. A sua palavra não é um queixume, é antes uma doce exposição. Não fazia caldo por não ter os arranjos. Este é o estado de vida que ela toma por seu. Mas a conversa não pára aqui. A palavra vem sempre dela: *Nem sequer lenha temos. Dantes iam aos montes e traziamos, hoje está tudo estonado*. Eu escondi os olhos com vergonha de chorar. Chorar não a sorte dela, mas a desgraça dos nossos tempos. Ela a disse, e com quanta eloquência: *Tudo estonado*.

É um círculo vicioso fundado nas verdades eternas; porque perdemos o gosto e nos esquecemos da obrigação de distribuir, cada vez nos encontramos mais miseráveis. O Sol batia-nos em cheio; eramos ali dois enamorados. Ela mais grandiosa. Ela mais admirável, tanto que entra em extase e exclama:

Mas tenho o sol. Nós temos o sol lá em casa. Eu abro a porta de manhã e ele entra inteirinho.

Era a oração perfeita. A oração perfeita daquele farrapo aparente que se vai sentar amanhã à direita do Pai Celeste.

Não tenho os arranjos. O mundo social havia de se espantar se fosse possível fazer um inquérito e publicar o nome dos que não têm arranjos para fazer o caldo! Então se havia de ver aonde estão as maiorias, e que, neste particular, a verdade está com elas. *Nem sequer temos lenha*. O óleo da engrenagem social não chega a estes dentes humildes.

Não chega porque se perde no caminho. Só a Caridade. Só a caridade bem ordenada. Esta sabe por conhecimento Divino que as rodas pequeninas e escondidas, é que são responsáveis pelo bom funcionamento das grandes.

Este conhecimento devia ser de todos. É preciso que ele seja a verdadeira ciência social. Sem este conhecimento compreendido, sentido e aplicado, há-de haver sempre e desnecessariamente a legião dos que não têm os arranjos para fazer o caldo. E este é o nosso mal. Isto é o desequilíbrio. Aqui estão as guerras.

AVISO

Os senhores não falem. Que ninguém falte. Vai o Abel e o Malaia e Xancaxé e outros deste teor, jogar com os infantis. E vão os azes jogar com um grupo da Mocidade. É no dia 15 deste. É no Campo da Constituição, aonde tem sido os mais anos. Vamos a ver.

Se tinha pais ou parentes no mundo, saibam que morreu o Martinho Baganha no dia 22 d'Abril, pelas 10 horas, de desastre no trabalho; e rezem por sua alma, como nós aqui fizemos. Tão perturbado fiquei, que nem sequer o ungi, mas fê-lo o capelão do hospital. Foi velado toda a noite e ao ser dia, teve missa de corpo presente.

O *Moléstia* e o *Zé da Lenha*, cada um por sua vez e sem saberem um do outro, ofereceram à roupeira, para o Morto levar nos pés, uns sapatos novos, por estrear, que alguém lhes havia dado. Oh grandezas escondidas nas tábuas dos caixões; grandezas que a terra não come! Eu acredito na Eternidade. Eu quero viver, viver, viver.

P. S. — A notícia que aí fica é verdadeira. Nela se diz o preciso, como é preciso. Mal a tinha feito, eis o que me aconteceu: a presença de magistrados e tudo mais que é preciso para se proceder judicialmente à autópsia de um morto! Era o fruto de uma participação do Registo Civil. Vieram-me anunciar, e dizem que eu mudara de cor ao tomar conhecimento; o mal e o bem à cara vem. Aproximei-me da sinistra embaixada. O Magistrado diz ao que vem e quer que eu seja a primeira testemunha. É um homem novo, simpático e extraordinariamente delicado: *Desculpe. Nós temos de proceder. É a lei*. Eu queria também ser delicado, mas desequilibrei-me. Reconheço que devia ficar sob prisão, pelo que disse, como disse, e a quem o disse. Neguei-me a ser testemunha e abandonei o lugar. Eu desequilibrei-me. Era a minha dor. Como se não bastasse o golpe de ter perdido um filho naquelas circunstâncias, vinha agora um outro de suspeita: desenterrar-se a ver se há negligência ou crime!

Não me faltaram aqui palavras amigas, chegadas de muitos sítios: *Acompanhamos V. no profundo desgosto que acaba de sofrer com a perda do querido gaiato*; isto como amostra de tantos que chegaram. E a lei vem denegrir: *Desenterrá-lo! É o zelo*. Eu antes queria uma lei, que mandasse indagar e proceder, todas as vezes que naquelas repartições, aparece alguém a registar uma criança sem pai. Isso sim. Mas não. É mais fácil suspeitar e tomar por criminoso, alguém que no mundo tenha a coragem e o amor de chamar a si e fazer seus, os filhos de ninguém. *Desenterrá-lo a ver se houve negligência ou crime*. Quem é que me diz a mim que entre os 400 de pais incógnitos que nós hoje acariciamos; quem me diz que os não haja, filhos naturais de senhores doutores do Registo Civil—quem? Disto não cuida a lei!

Sim; eu deveria ter tido voz de prisão pelo que disse aqui na aldeia, e também pelo que agora escrevo; deveria. Mas eu acredito na Justiça. E foi precisamente por causa desta justiça em que acredito; foi pela força dela, que a comitiva do tribunal se foi embora sem querer profanar a cova dum filho que me morreu. Digo bem—profanar. Vistas as coisas a esta luz, a diligência da lei era profanação!



A nossa tipografia

(Continuação da 1.ª página)

mãos. Os calos são o sinal da glória. Por eles se conhece o homem. Se não fosse os calos dos camponeses, o mundo morria de fome. E uma escola da Covilhã. E a segunda prestação de Dois Funcionários a dizerem que para o mês que vem cá estaremos. E estão. Quem assim fala não pode faltar. E um do Porto a valer por dez. E Lisboa. E Aveiro. E Lisboa. E Luanda. E Penacova com metade. E Lisboa. E um estudante de Poaires da Régua com uma migalha de estudante. E um rapaz de Lisboa. E a lista número quatro retirada do Depósito aonde figuram os nomes de um senhor a valer por dez, uma a valer por cinco e vinte e seis da marca. Como parte do material tipográfico já se encontra em vias de instalação, muito gostaria eu de poder dar aos importadores um sinal mais forte do que aquele de vinte contos mensais como até aqui se tem feito. Seria bonito. Seria uma elegância comercial. Ora os senhores assinantes têm a palavra. Mais de mil escudos não; nós não queremos pimpões nas fileiras. Mas uma pancadaria de soldados a valerem dez, isso sim. Estão as listas no depósito. Estão os nossos rapazes da venda. Estão os correios. Está qualquer portador. Tudo o que trouxer o nosso nome, vem ter às nossas casas. São os *Batatas*. São os cordeis misteriosos que eles puxam. Ainda ontem, topei um no Barredo, prostrado. Perguntei-lhe o que ele tinha. *Não tenho de comer*. E tinha estampado no seu rosto o certificado da fome. São eles que puxam tudo e que te arrastam a ti.

Ora vamos a elas:

Atrazado 143 contos
Hoje 12 500

155 contos

Estamos a chegar a um terço; a uma terça parte dos quinhentos. Começou em Novembro do ano passado este movimento. Não tem afrouxado. Quando chegar ao fim, havemos de ir todos, todos os portugueses de boa vontade. Oh bicha!

Isto é a Casa do Gaiato

EU já tinha dado fé, mas não dizia nada á espera que outros o fizessem. Chegou a hora. Foi um visitante. A porta do refeitório aonde se encontra a sineta da aldeia suspensa de uma verga de ferro, o visitante aponta com o dedo o badalo da dita. *Vejam como está gasto!* Está sim senhor. A maçaneta está quasi no fio. Não é dos toques ordinários; é dos extraordinários. Eu vejo. Eu noto e poderia impedir, mas não o tenho feito, pela alegria exuberante do rapaz enquanto toca. Não tenho feito e nem farei jamais. A maçaneta está por causa do rapaz, e não este por causa dela. Deixo tocar. Todos gostam do officio, embora este pertença somente aos refeiteiros e bedél e ao sacristão, conforme os toques e as horas; mas tudo gosta de ser uma coisa e outra, quando chega a hora de tocar. Sucede até, que ainda toca a sineta para o jantar, depois de terem todos entrado no refeitório! *Veja como é gasto.* E que diria esta visita se fosse testemunha das disputas e do sangue á beira da corda da sineta, por causa da sineta!

NO domingo de Páscoa e por causa da visita pascal, deu-se uma modalidade na aldeia, com que eu não contava; os rapazes enfeitaram as suas casas, aonde receberam a cruz. Elas são nove. Tôdas enfeitadas e nenhuma da mesma sorte. O luxo era no pavimento da sala de entrada. Havia ali os mais formosos desenhos feitos com pétalas das mais variadas cores: cruces, cruzeiros, Aléluia, Casa do Gaiato, J. H. S., e o mais que o engenho de cada rapaz ditava. De tôdas, a mais interessante era a casa do Lôbo. Este foi mais longe e entrou na tradição. Pôs sobre a mesa o folár; bolachas, amendoas, uma laranja e sobre esta cinco tostões. Os rapazes abriram-me um caminho. Se cá estivémos todos, tenciono estabelecer prémios no próximo ano. Até lá tomemos a lição: oriente-se bem o rapaz e dê-se-lhe liberdade de acção. Vivessem eles aqui em regime apertado, que não teríamos mais esta belésa a juntar á belésa do domingo de Páscoa.

ELA voltou cá no domingo de Páscoa; a senhora que antes se chamava do Amândio e agora, é a dos emblemas. É uma senhora misteriosa, que por aqui aparece de vez em quando com manadas de notas do Banco de Portugal e o seu carro cheio de bujigangas. Da ultima vez foi tam mal tratada, que eu disse para comigo mesmo: *Nunca mais cá voltas.* Mas voltou. Os rapazes pedem a cabeça, rodeiam-na, dão-lhe estíções, berram ó minha senhora; e quando ela se quer ir embora, plantam-se á frente do carro e não a deixam sair. Foi por isto mesmo, que eu tive de mandar um dos professores a impor ordem, da ultima vez que ela cá veio, tendo ficado de veras convencido que a senhora dos emblemas já mais regressaria. Mas regressou. Deve tratar-se de uma pessoa doente do coração...

Eu é que as pago. Eu é que pago essas doenças. Depois que a senhora sai, ficam os grandes sarilhos cá em casa. E que dizer do barulho, por via das gaiatas que ela traz! Até na capela, um dos batatas, não se pôde conter e deu uma tocada!

Ora veja a senhora dos emblemas a poeira que por cá levanta, e veja os senhores leitores os trabalhos que eu aqui passo!

DA nossa cozinha sai actualmente o jantar para um homem que vive só, numa casa muito pobre, na orla desta freguesia. Também é um abandonado. Tenho pena de ver isto no mundo. Estava há dias no Tojal a conversar com o Padre Adriano, quando nos aparece um homem do povo, com muitos anos, com muitas rugas e uma enxada ás costas. Vinha pedir trabalho. *Ninguém me quer mas eu ainda posso alguma coisinha.* O P. Adriano mandou o entrar e que fosse para a quinta cavar. O que feito, volta-se para mim e diz: *São estes os que mais precisam.*

Nunca amei tanto aquêlê sacerdote, como naquela maré! Também aquêlê velho é um abandonado. Tenho pena de viver no mundo assim. Mas voltamos ao régo; vai o jantar da nossa cozinha para o pobre que mora só. Há empenhos de quem há-de ir com a cêsta, chegando, por vezes, á discussão. Cuidava eu que os rapazes andariam inflmados por praticar o bem, mas não. São grilos.

Eles querem apanhar grilos enquanto vão e regressam. Arranjam caixas furadas e gaiolas e canudos e tudo mais que lhes vem á mão. Ontem entrou um com vinte e seis dêles! Apanhou vinte e seis grilos! Os grilos aqui em casa, além de ornamentos, são também moeda; comprase borda, amendoas e laranjas com êles. É a permuta. Talvez houvesse menos barulho no mundo inteiro, se, em vez de escudos e dólares, fossem grilos.

OUTRA vez os garnizés, os garnizés do Moreira.

Começo por pedir desculpa de roubar espaço ó periódico e tempo ós senhores leitores; êle há assuntos tão graves em matéria nacional e internacional! Sim; peço desculpa de os trocar pelos garnizés.

Ora aconteceu que um deles feriu de morte um melro e houve levante na aldeia. Resolveu-se expulsá-lo do aviário. Uma vez cá fóra, aí vem a senhora da cozinha com as mesmas ideias; aquelas que nós conhecemos de um número atrazado, aonde esta questão foi muito falada. Pois bem; Moreira não desanima. Ele quer muito ás suas aves; ao que é seu. Fêz uma pequenina capoeira ao pé do depósito da água que alimenta a aldeia e ali lhes dá de comer.

EU ando apavorado com os grilos. Hoje dei na cozinha com uma gaiola de dois andares, suspensa de um prego na parede, feita e alimentada pelos cozinheiros. Tinha doze grilos; seis em cada andar. Ora isto constitui um perigo. Eu tenho medo que amanhã chegue a hora de jantar e ele não esteja feito. São doze grilos na cozinha! Se entramos na redacção do jornal, isso então nem é bom falar. Não são os grilos; é a tiragem que já vai em vinte e dois mil; eu tenho medo que os senhores que pagam o jornal venham a ficar sem êle, nestas quinzenas do tempo de grilos. Ando de veras apavorado.

ERA domingo. O Faisca estava aqui fóra do meu escritório a fazer paciências, tendo tomado á sua conta todo o pavimento da sala. Eu vinha da quinta e dei com este espectáculo. O rapaz viu-me, arrumou os seus brinquedos e pediu-me que lhe mostrasse a tia. Eu tinha-lhe dito que ela vinha numa revista americana; eu assino. The National Geographic Magazine e peço desculpa ós senhores, de gastar cinco dólares por ano, mas este episódio vale bem o dinheiro. Faisca entrou e sentou-se ao pé de mim. Eu comeci a folhear. Era um artigo extenso, illustrado, com gravuras de grandes da Inglaterra, desde a Rainha Isabel até aos nossos dias.

Florence Nightingale vem ao pé de Churchill. Ela é a tia do Faisca. Trás uma página da sua biografia e ela no meio de muitos feridos de guerra, a curar. O autor do artigo chama-lhe um anjo de misericórdia. Foi isto que eu disse e mostrei ao Faisca. Ninguém sabe para o que está talhado no mundo. Até dentro das vocações há vocações. Não se sabe o que o Faisca vai ser, mas se ele for chamado mais tarde, com razão, um anjo de misericórdia, temos o Orlando Nightingale por herdeiro de Florence Nightingale.

OZé da Lenha faz agora parte do pessoal da redacção, na qualidade de escriturário. Faz cintas. Se daqui por diante receberem garatujas em vez de nomes, é o Zé da Lenha. Ele era, como todos sabem do pessoal da enfermaria, mas teve finalmente de ser removido. É a lambarice. É o geito de lamber. Eu vou contar uma: vieram cá uns senhores e deixaram uma bola de queijo. Como eu estivesse na casa da Mata, o cozinheiro resolveu mandar a oferta para lá, e eu fiquei muito contente. Eu gosto de queijo, mas Zé da Lenha também gosta e foi lá a êle. Eu estava dentro da casa, sentado numa cadeira de repouso, á beira da cama, no quarto de dormir. Dei fé do Zé da Lenha entrar, ir á cozinha, abrir o armário, partir e comer. Ora vejamos os senhores quem é o Zé da Lenha: uma lambedella premeditada; eie saiu da aldeia, atravessou o campo de jogos, fez o mesmo á avenida, entrou no domínio do antigo convento, seguiu os campos fundeiros, subiu a encosta que diz para a mata até chegar aonde o queijo

estava. Teve muito tempo de se arrepender e regressar, mas o vício de lamber não deixou que êle o fizesse!

HOJE de manhã entrei na carpintaria, aonde vi um dos cozinheiros de avental branco e barrete da mesma cor. O rapaz não me viu, de ocupado que estava. Era uma gaiola. Estava a fazer uma gaiola para grilos. Eu não disse nada e sai pela porta fora.

Ao meio dia, tudo estava na mesa a comer. Meio dia é a nossa hora. Quem me dera que houvesse sempre grilos e que estes rapazes sempre se importassem com os grilos!

EU estava ontem na capela á hora de merenda. Sabia-se que era a hora de comer pelo barulho. É natural. Nisto abre-se a porta e o Bessa estende-me a mão aberta com dois bocaditos de pão: *Eu trabalhei todo o dia e só me deram isto.* O Bessa é um rapaz trabalhador e silencioso. Deixei imediatamente a minha oração e fui ver do que se tratava. Feriu-me a queixa; trabalhar é não comer. Nem a minha oração poderia ser escutada sem primeiramente ir dar ou ver que se desse ao queixoso o que legitimamente lhe pertencia. Nenhuma oração presta sem estas normas eternas. Cheguei á porta da cozinha. A senhora estava aviando os derradeiras rapazes. O Bessa vinha comigo. *Estende a mão e mostra disse-lhe eu.* A senhora afirmava que lhe tinha dado mais e o rapaz que estava ao pé acode, delicadamente: *Olhe que está enganada.* Compreende-se o engano e desfez-se o engano. O pequenito trabalhador recebeu aquilo a que tinha direito e eu voltei á capela prosseguir na minha oração.

ONTEM houve aqui um tribunal furioso. Foi um caso dos Batatas. Os Batatas na horta das favas, e se a gente não toma medidas severas, nem favas para comer nem favas para semear.

Estava presente um visitante do Porto, que chegara no seu carro e mostrou desejos de participar na nossa ceia. Estava presente, e ficou admirado de notar que o primeiro interrogado, se acusara a si mesmo. E porque não? O pequenino não tem medo. O medo é que gera a mentira. O visitante, foi-se embora depois do terço e usando o gracioso terno da nossa giria, declarou, ao despedir-se, ter experimentado a maior consoladela da sua vida. A nossa casa é a alegria; alegria de quem lê o jornal, alegria de quem fala com os rapazes, alegria de quem sente a obra, alegria de quem come do nosso pão á nossa mesa. Eu quisera que fosse na mesma em todas as casas pias aonde moram rapazes orfãos e abandonados; que eles fossem todos o quinhão de todos. Que os pudessem ver, abraçar e beijar. O mundo quer amar. Mas tal não acontece. É uma vez no ano em dia determinado. De véspera lava-se e enfeita-se, e o povo vai ver enfeites. Ora a verdade não os quer; a verdade não precisa de enfeites. A tal ponto os exclui, que aonde houver uma coisa não há a outra.

A seguir ao caso delicado das favas, houve um segundo tribunal; caso de um que fugira. Este é de Castro Daire. É um rapaz forte, saudável e que por nada se quer vergar ao trabalho. Tudo inventa; de tudo se serve e tudo lhe serve menos o trabalho. Como sentisse duro da nossa parte, resolveu fugir. Foi encontrado a uns três quilómetros por um dos nossos e irmão seu, que vinha de aviar um recado. Quanto não deve a nação; quanto não deve a sociedade; quanto não deve tu, ó homem, a esta criação por ter falado e convencido o fugitivo a regressar! Porquanto, que podemos nós esperar de um rapaz forte e saudável e sem família e sem casa e cheio de vícios, que se não quer sujeitar ao trabalho? Que ninguém tome por favor as ofertas que nos faz, porque um bem mais subido acaba de fazer o irmão que salva o irmão; e ele contentou-se e alegrou-se com o bem que fez. Faze tu assim.

Pois o fugitivo vem ao tribunal. Ouviu palavras altas e decididas. Disse-lhe do horror das cadeias, da glória dos calos, da obrigação de trabalhar. E que visse ele as pombas da nossa aldeia que levam um dia inteiro a trabalhar, procurando de comer.

TEM graça que naquela tarde e enquanto o fugitivo por lá andava, aparece aqui um rapaz com o pedido de ficar. Também veio a tribunal o seu caso. Servi-me até deste que viera, para falar mais alto ao que fóra e desta sorte ficou ele a saber da pouca falta que cá faz. O recém-chegado aparenta uns doze anos. Diz ser e fala á moda de Braga. Que nem tem pai nem irmãos. Que a avó com quem estava e não pode ter. Falei-lhe em trabalho e ele disse que sim. Não precisava dizê-lo; trazia as mãos calejadas. Disse que trabalhava num amo a chamar bois, e que por muitos filhos o amo o dispensara. Ora este rapaz não fica. Os calos são penhor de salvação; está salvo. Vou indagar. Se aquele amo não pode, que outro o empregue. Temos de ser uns para os outros. A Casa do Gaiato é para quem é. É para os vadios sem família que não se querem vergar ao trabalho.

CHEGOU o Chico de Casal delo. Mudou de roupa. Moreira rapou e entrou ao serviço dos do campo. Enxada na mão. Calos. Acabou.

Os amos da tia pelo seu rico menino, duraram pouco tempo. Quando descobriu que não lhe dei o dinheiro, os dois contos, não quiz mais saber do rapaz e abandonou-o!

Roubar a uma creança um bem que se lhe não pode restituir, é uma ofensa a Deus.

Este rapaz tinha um ordenado de

Continua na página seguinte

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

OBRAS A nossa nova casa ou seja: o nosso Casal Agrícola, vai-se começar dentre em breve. Já andam a fazer os alicerces.

O arquitecto já lá tem 27 contos e, por isso, começamos a fazer as obras num dos dias de Maio.

Por falar em 27 contos: precisamos de muitos 27 contos.

AMÊNDOAS Parece-me que de todo o país vieram amêndas para cá foi um total de 80 e tal quilos delas! Doze sei eu que vieram do Montepio; 16 do Colégio de Odivelas; 5 de uma pasteleria da rua do Salitre; 10 de uma senhora de Lisboa e outro tanto dos Correios.

O resto não sei, mas... que cá chegaram, isso sim! «Os Gaiatos» cá se encarregam de as comer, não todas, porque 20 quilos levei eu para Miranda. Encarregaram-se de as comer, porém, também as querem agradecer a todas as senhoras e senhores que fizeram o sacrificio de as oferecer.

VISITANTES Num belo dia de Março, appareceu-nos aqui um colégio, ou melhor, um grupo de meninos com sua directora a visitar-nos. Foi a um sábado. Eram umas 35 meninas, mais 8 estagiárias do magistério primário e 2 mães das meninas. Cada uma das meninas trazia a sua merenda e para um dos mais pequenos dos nossos Gaiatos.

A senhora professora directora é de Coimbra, e por isso, já nos conhece há muito. O seu irmão é subscriptor da Conferência da Casa de Miranda. Sei isto, porque eu é que ia lá fazer a cobrança mensal.

No refeitório, as nossas visitantes, deixaram-nos 22 camisolas de lá, feitas pelas meninas, dirigidas pela sua directora, e coisas para a nossa escola, amêndas e dinheiro. Bem hajam.

JOÃO PEDRO

ISTO É A CASA DO GAIATO

Continuação da página anterior

400\$00 mensais e um grande futuro à espera; a tia roubou-lhe tudo e deixou-o ficar! Partiu o prato ao descobrir que não podia comer nele, e tê-lo-ia feito à mesma, se tivesse comido! Ofensa à Orfandade.

COMO os rapazes cheirassem uma grande excursão do Porto, em um dos últimos domingos, que fizeram eles?

Ora oiçam: O Zé d'Arouca, foi-se a uma bandeja e colocou-a sobre uma mesa, à entrada da Casa-Mãe e o Miguel, fez o mesmo no refeitório. Sobre cada uma delas, colocaram uma moeda de dez tostões, e os senhores caíram...!

No final da festa, era uma rima de dinheiro! O Risonho comentava: *Foi os dez tostões. Os dez tostões é que deram a sorte. Mas o outro disse melhor. O que foi pedir os dez tostões iniciais, disse melhor e fê-lo por uma razão mais importante. Disse-mo a mim, quando lhe perguntei: E' a galinha, disse, a gente quando faz um ninheiro põe lá um ovo e as outras galinhas vão lá pôr mais. Ora aqui está um mestre que aprendeu com as galinhas. Os senhores acatelem-se... Os senhores visitantes acatelem-se, que estas lições são tiradas da natureza e dão certas. D'aquela vez, todos lá foram pôr o ovo...!*

MAS há mais. O Zé de Arouca foi mais além; como estivessem na sala de entrada cinco pneus que nos deram, êle empoleira-se e não saiu daquele mirante enquanto houve visitantes na aldeia!

Andava no campo um jôgo aferroado. A vitória era nossa. Os vivos estrondavam e chegavam até êle. Não importa; Zé da Arouca propusera vigiar até ao fim!

Ao ler tamanhas virtudes, muitos hão-de perguntar-se porque é que Zé da Arouca foi demitido; sabido é que o rapaz era do meu escritório e eu mandei-o para os serviços do campo. Pois eu vou aqui dizer:

Primeiramente foi o rádio. Os cozinheiros tinham por costume irem ouvir música após as suas obrigações e naquele dia não o fizeram.

Nem naquele nem noutros. O rádio está no meu quarto escangalhado e eu decidido a não ter mais rádios na aldeia. Zé de Arouca quiz ver como aquilo era lá por dentro, e não é preciso dizer mais nada... A primeira foi o rádio. A segunda, o telefone. Chegou a conta mensal das telefonadelas e era uma coisa por ai fóra. Bem sabemos que o decreto leyrou isto a muito alto, mas tanto não. Indaguei e descobriu-se tudo: Zé da Arouca entretinha conversas com uma

fabrica de serração de Arouca, que êle diz ser a fabrica de S.to António.

Ora aqui temos nós os altos e baixos do rapaz. Os telhados da nossa aldeia, cobrem vícios, cobrem defeitos, e cobrem virtudes. Tudo anda de braço dado até que se encontrem, conheçam e eliminem, por uma auto depuração. Depuração dolorosa.

CHEGOU aqui ontem á noite um da casa de Miranda. E' dos grandes. Vinha rapado. Trazia uma carta com duas palavras apenas. Eu não quis saber mais nada. O rapaz dera já fracas provas no Porto. Fez o mesmo em Coimbra. No dia seguinte ao da chegada, foi talhar mato com outros e agora anda no campo. Felizmente que temos uma quinta grande. Quiz entrar no dos nossos onze; veio-me pedir e eu disse que não. Aproveitando a ocasião, disse-lhe mais duas palavras; é tudo quanto se pode fazer quando o rapaz assim se porta.

Esperemos. O tempo cura. Quanto a mim, dou-me por muito satisfeito que ele tivesse vindo por o seu pé, rapado, de Coimbra até aqui. Ele bem sabia o que vinha encontrar: bola não, trabalho sim. Bem sabia e pudera não ter vindo; o rapaz conhece todos os caminhos de Portugal. Mas veio. Estou contente. Que o nosso bom Deus o ajude.

A senhora da cozinha entrou ontem pelo refeitório dentro com o Armindo, pela mão, quando estavam a ceia. O Armindo é o nosso amor; é mais pequenino do que o Príncipe. Pois a senhora vinha muito queixosa:

Que não sabia como havia de fazer, que o Armindo não come o caldo a nenhuma refeição, porque os rapazes lhe dão coisas de comer; que o ia fechar num quarto e disse por ai fóra. Nisto, coloca sobre a mesa, ao pé de mim, uma grande côdea de borã informando que lha tinham dado naquele instante e que por muito perguntar, nunca descobre quem é. Fêz-se silencio. Estava a senhora com o Armindo pela mão. Estava o corpo de delito sobre a mesa. Estavam cento e sessenta rapazes. Um levanta-se e acusa-se: *Fui eu.* Para que se não envaideça, não digo aqui o seu nome. As obras belas têm de ser escondidas. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

ONTEM á noite houve aqui um tribunal com três réus. Até o Rôla! O Rôla que nunca em sua vida viera ao môcho, também lá estava. Qual a matéria? Ninhos! Eu tomei a palavra em defesa das Aves por mais de dez minutos, e de tal forma falei, que havia lágrimas nos olhos de muita gente. Vamos a ver.

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

O pobre olha pelo pobre e o rico também se não esquece dele. E nas dádivas de uns e outros encontramos o Evangelho. Ele é que marca. Ele é que rege os corações até mesmo daqueles que julgam ignorá-lo. E' a fé nele que opera as maravilhas da dedicação e amor do próximo.

* * *

—Em carta recebemos mil escudos e acompanhavam-nos estes dizeres: «pela alma de meu querido Pai e de minha querida Mãe e para que eles me valham na minha grande dor e saudade».

O friso negro da carta denuncia a perda recente. E' a tradição que assim manda. Mas nesta tudo respira alvura, tudo denuncia a pureza encantadora de uma alma que vive a sua fé. Não há revolta, nem o abatimento doentio de quem já não espera. Há apenas resignação humilde que redunda em frutal de caridade.

Mais trezentos escudos «que era o mealheiro de uma filhinha que me morreu». E pede uma oração.

Fé. E' ela que impera. E' dela que vem a força aos fracos, a coragem aos pusilânimes e a consolação para os tristes.

—Para a tipografia temos recebido parafusos de toda a espécie e de todos os tamanhos. Só há uma nota comum: é que todos são parafusos para a nossa tipografia.

—Na quinta-feira Santa tivemos aqui uma família de Lisboa. Gente de haveres. Deixaram 2.400\$00. Família cristã que compreende e que ama.

Para a tipografia recebemos dois contos certos incluindo o que fora depositado no Banco ou no Montepio.

Em donativos, por carta e trazidos por mão cá chegaram 1.302\$50. Os visitantes continuam muito atenciosos. Só deles 2.742 escudos.

Das amêndoas nem falo porque reservei isso para o nosso cronista.

Livros! Tivemos uma oferta de novelas missionárias.

A nossa biblioteca já funciona como em tempo oportuno foi dito. Livros temos alguns. Há tempos falaram-nos da muita simpatia do Snr. António da Silva Pereira. A nova alegrou-nos.

Nós precisamos de alimentar os espíritos esfomeados destes rapazes. Temos de escolher o alimento para o acomodar às condições de cada um. Mas só o livro bom é alimento capaz. Não hesite, meu senhor, olhe que nós precisamos.

—Do Liceu Passos Manuel 92 e quinhentos. O rapaz a olhar pelo rapaz. Se as gerações novas se formassem neste espírito de dedicação pelo próximo, teríamos dentro em pouco mais cristianismo e menos miséria.

Mais uma peça de lençóis e camisas e camisolinas e colheres e meias e um fio de prata e dois

relógios. E ainda gravatas, lenços, flanelas, portamoedas, botões de punho, etc., etc..

De Organismos do Estado um ror de coisas quase todas de comer. Cerca de 600 quilos de batatas, café, grão, massas alimentícias, feijão e ainda uma peça de flanela. Além disto o tratamento gratuito das nossas laranjeiras.

No Montepio muitas roupas e dinheiro e duas libras em ouro.

Da Vacuum 1.190\$00. Estes continuam a arder. O fogo mantém-se. Há ali alguém que sopra a cinza para que as brasas permaneçam sempre vivas. Nem o pó, nem a cinza tomarão posse deles se a sentinela continuar alerta.

Na Secil ouviram-se rumores de «sorte grande». O bilhete que o pessoal da Sociedade de há muito comprava semanalmente fora premiado. Quem ama não dorme. E apareceu logo quem fizesse uma quete para os gaiatos com a consequência de 600\$00 em nosso favor.

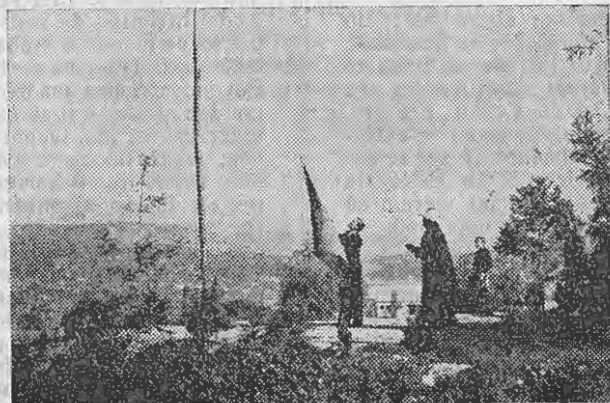
Nos correios uns sapatos para o Pedro e de Odivelas uma caixa de medicamentos.

Mais 218\$50 do primeiro serviço do rebocador Expedito. Desfizeram-se das prinicias. O método é claro.

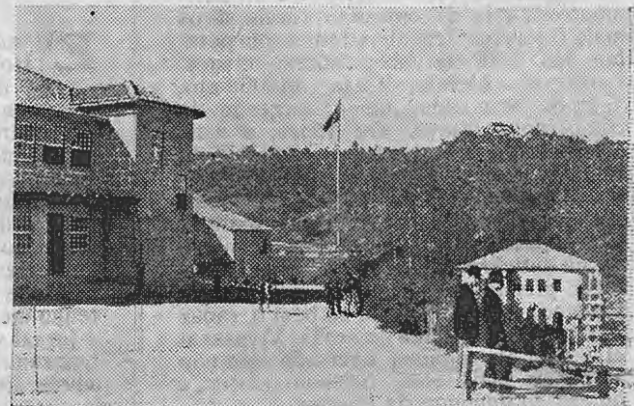
Olhamos para estes e para tantos outros que os imitam com os olhos bem fixos no Crucificado que nos trouxe a redenção e que nos fez irmãos. E' assim que explicamos. E' assim que compreendemos.

1 — Maio — 1949.

PADRE LUIZ.



A bandeira da nossa Aldeia. E' a bandeira portuguesa. Nós somos portugueses. Aqui é Portugal. Estão assim realizados plenamente o desejo patriótico de um dos nossos rapazes, que desde há muito me vinha sugerindo a ideia. E' ele que está a erguê-la.



Eis de como a bandeira ficou nas alturas. Tem a nossa mata por fundo e as casas por testemunha. Agora, todos os domingos e em seguida à missa, vai um rapaz içar a bandeira, em acto de comunidade. Que a Pátria nos ame também a nós!

A NOSSA COBRANÇA

Não seria mau que os desmaselados como eu, fossem apontados nas colunas desse importante jornal, afim de eles terem um pouquinho de vergonha, pois, a Santa Obra que desempenhais não permite que haja atrasos.

Vou procurar ser pontual, afim de ver se consigo não ver o meu nome na lista dos caloteiros, se ela um dia se vier a publicar.

Pronto. Eu cá não seria capaz de dizer tanto; ficava-me mal fazê-lo. Mas acho bem.

OUTRO AVISO

Estudantes. E' a Comissão da Queima das Fitas do Porto, que atei-mou em pôr a Casa do Gaiato no programa, e lá vão 50 deles saca na mão, com outros tantos estudantes; e o resto já se sabe. E' no dia 14 de Maio. Como eu devo muitos favores ós senhores mais às senhoras do Porto, venho aqui prevenir que não saiam de casa naquele dia...!